

Diálogos Mecila: #07 Aquilombar com o oceano: diálogos poético-políticos sobre violências, conhecimentos e (r)existências

Raphael : Olá, essa é uma edição especial do Diálogos Mecila.

É a intelectual Beatriz Nascimento que dá nosso ponto de partida quando diz: “quilombo é o espaço-geográfico no qual se tem a sensação do oceano”. A partir dessa imagem, as pesquisadoras Encarnación Gutiérrez Rodríguez, Juliana Streva e Léa Tosold nos convidam a escutar, sentir e imaginar outros modos de produção do conhecimento para dentro e fora dos limites do assim chamado mundo acadêmico.

As fronteiras das instituições e seus modos de conceber o que seja conhecimento vem sendo cada vez mais desafiadas. Não se trata apenas de grupos excluídos desses espaços que reivindicam seu lugar nele. Cresce o questionamento sobre as próprias linhas que definem e legitimam quem e o quê está do lado daquilo que se denomina saber.

Através de reflexões teóricas, conversas, narrativas, poesia e música, Encarnación, Juliana e Léa navegam por essas outras possibilidades de conhecer. Esperamos que esses espaços se abram para quem não os conhece. E para você que já sabe onde está, também sinta-se bem-vindo. Fiquem agora com “Aquilombar com o oceano: diálogos poético-políticos sobre violências, conhecimentos e (r)existências”

* * *

Música: “Antigamente Quilombos”, de Z’Africa Brasil.

Encarnación Gutiérrez-Rodríguez:

En este contexto yo quisiera también recordar que el 19 de febrero murieron muy cerca de mi casa - porque yo vivo en Offenbach - en Hanau, en 19 febrero de 2020, nueve personas perdieron sus vidas, asesinadas por un racista. Estas personas Fatih Saraçoğlu, Ferhat Unvar, Gökhan Gültekin, Hamza Kurtović, Kaloyan Velkov, Mercedes Kierpacz, Said Nesar Hashemi, Sedat Gürbüz, Vili Viorel Păun, eran personas jóvenes. Estaban en un Shisha bar o estaban en un quiosco. Estas políticas, digamos, de diferenciar entre lo bueno y lo malo, racializándolo, inferiorizándolo, feminizándole, quitándole valor, son políticas que están también reflejadas en el océano. Porque el océano "también transmite el hecho de ser forzados, de perder una identidad social, de perder un lugar". Entonces, aun que esa experiencia se transforme a través de generaciones, esa



experiencia también circuita de manera como un fantasma, lo que se dice en inglés "haunting", no? Y tiene que ver con nuestros sentimientos y con nuestro pensar.

Porque el océano no solo abre el campo para relacionarlos de otras maneras, pero también nos recuerda una historia de violencia. Nos recuerda, digamos, estructuras sociales violentas, interseccionales, en la cual hoy en día personas definidas a través de esa lógica como inferiores, personas racializadas y personas feminizadas viven una violencia directa a nivel de ser una violencia física, como es el feminicidio. Pero también como es la es toda necropolítica creada en base al racismo y actualizada también en base a políticas migratorias y de asilo.

Juliana Streva:

Beatriz Nascimento, *Transgressão*: "Houve uma guerra no Rio. Para quem não soube, um delírio, produto de alucinação. Houve uma ação contra o morro, armado e genocida, que regeu aquelas colinas de sangue de baixo acima. Ação de código penal, de impotência social, de esbirros e malfeitores, arrogante e prepotente, que atirou toda a gente. Um terror irresponsável. Houve gritos e choros, que a cidade surda rapidamente esqueceu. E foi no corcovado, no quilombo onde já aconteceu em algum tempo da história, que na memória feneceu. Jamais foi contado, pois lá era a mesma gente. E o país urgentemente apagou da mente a verdade que passou. Mas não é passado, é presente. Para quê repetição? É necessário que abafes os ruídos das sirenes, que perturbam o ambiente, dividindo os homens entre bons e maus, entre nós e eles, entre vivos e mortos."

Léa Tosold:

Nota pública de organizações, coletivos e ONG's que atuam no Jacarezinho, Rio de Janeiro: "Na manhã desta quinta-feira, 6 de maio de 2021, moradores do Jacarezinho foram acordados sob intenso tiroteio em uma operação da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, com apoio da Coordenadoria de Recursos Especiais, que resultou no assassinato de mais de 24 civis e um militar, em uma incursão policial que durou mais de nove horas.

Em meio a uma pandemia que matou mais de 410 mil pessoas, 45 mil só no Rio de Janeiro, ocorreu a operação mais letal da história do estado, sob a justificativa de proteger, como relata a nota do Ministério Público do Rio de Janeiro, os direitos fundamentais de crianças e adolescentes e demais moradores que residem nessas comunidades.

Uma pessoa morta dentro do quarto de uma criança de oito anos, protege quais crianças? Quais direitos estão sendo garantidos? Como se já não bastasse estarmos morrendo por uma doença pela qual já existe vacina, ainda somos submetidos a um cotidiano de brutal violência por parte do Estado. Não há outro nome para o que



acontece nas favelas e periferias, o que vivemos é genocídio contra a população negra desse país.

Diante dessa realidade de extermínio, seguimos com o mesmo questionamento: quais vidas importam? Será que em bairros nobres localizados na zona sul da cidade do Rio, ou em condomínios luxuosos na Barra da Tijuca, o método de suspeição é o mesmo? Será que se sentem coagidos ou com medo de serem acordados por uma operação policial?

O genocídio contra corpos negros e favelados segue naturalizado e sem causar espantos, as instituições públicas como em um acordo tácito seguem silenciosas, sem criar nenhum tipo de mecanismo eficaz que possa frear o extermínio desses mesmos corpos.

O papel da mídia hegemônica no esforço de criar uma narrativa de criminalização da pobreza e de espaços favelados, sem que colocasse em pauta o massacre que ocorria ao vivo, tornou um grande espetáculo a ação do dia 06 de Maio, o que foi essencial para o processo de naturalização da barbárie ocorrida na favela do Jacarezinho.

Exigimos explicações e questionamos: como o Estado pretende atuar no território depois dessa chacina? Como recuperar o trauma de milhares de pessoas que foram submetidas ao terror policial? Como os familiares das vítimas serão amparados? Quais os mecanismos institucionais de prevenção às ações, como as que vivenciamos no dia de hoje? Esperamos respostas. Convocamos todos para o ato.

Assinam a nota: Associação de moradores do Jacarezinho, Cafuné na Laje, Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Jacarezinho, Instituto de Defesa da População Negra, Jacaré Facilitador, Jacaré Basquete, LAB Jaca, Núcleo Independente Comunitário de Aprendizagem, ONG Viva Jacarezinho.

Juliana Streva:

Trecho do livro *Corpo, Raça, Poder*: No dia 02 de Outubro de 1969, no contexto da Ditadura Civil-Militar, o auto de resistência foi criado oficialmente pela superintendência da Polícia do Estado da Guanabara, atual estado do Rio de Janeiro, através da ordem de serviço número 803. Entre 1995 e 1998 a Polícia do Rio de Janeiro, militarizada e fortalecida pelo aparato ditatorial, passou a receber promoções e gratificações que podiam chegar a 150% do seu salário.

O secretário de Segurança Pública, do governo da época, defendia que tal incentivo era uma forma de aumentar a "produtividade" das forças policiais. Os relatórios policiais da cidade do Rio de Janeiro durante esse período apresentam um aumento de quase 600% no número de civis mortos, assassinados, exterminados, pela Polícia Militar. Esse aumento drástico de execuções evidencia que tanto a noção de bravura, como a de produtividade policial eram e são entendidas como um exercício do poder de matar do Estado, frequentemente relacionados ao discurso da guerra às drogas.



Logo, tal poder é direcionado à execução sumária de suspeitos de crimes que eram e ainda são em sua grande maioria jovens, negros, pobres, moradores de favela.

Áudio: "Marchas..." "Herói nacional, foi liquidado pela traição das forças colonialistas. O grande líder do primeiro Estado livre de todas as Américas, coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas, as nossas crianças não sabem. E quando eu falo de nossas crianças, estou falando de crianças negras, brancas e amarelas, que não sabem que o primeiro Estado livre de todo continente americano, surgiu no Brasil e foi criado pelos negros. Pelos negros que resistiram, resistiram à escravidão e se dirigiram para o sul da Capitania de Pernambuco, atual estado de Alagoas, a fim de criar uma sociedade livre e igualitária. Uma sociedade alternativa. Onde negros, índios e brancos pobres, viviam no maior respeito.

- Movimento Negro do Rio de Janeiro na rua, essa é Márcia Zumbi dos Palmares, Márcia Zumbi..."

Encarnación Gutiérrez-Rodríguez:

Soy Encarnación Gutiérrez-Rodríguez y soy profesora en Sociología, en la Universidad de Gießen en Alemania. Y he trabajado en Manchester y también en la Universidad de Hamburgo. Y me interesa el tema de las políticas migratorias en Europa y cómo afecta a las personas que forman parte o llegan a ser objeto esas políticas. Me ha interesado la parte de resistencia, y me interesa la parte también de cómo caminar y cómo entrar en otras maneras de pensar y de hacer fuera de esa lógica creada, de binarismos y de dicotomía entre ciudadanos. Pero también qué significa cuando las personas no están dentro de un encuadro de ciudadanía. Y me interesa también el trabajo como algo que algunas veces es visible y otras no lo es, que se explota, y como los sujetos que hacen ese trabajo que se explota manejan ese trabajo también como un movimiento de la resistencia, pero también cómo se le afecta en sus vidas.

Y en este contexto, trabajo el tema del trabajo doméstico y de los afectos. Y bueno, a parte me interesa el tema del racismo institucional en la academia, y también nuestra posición cuando entramos en la academia y llegamos a tener una posición en la academia, cómo la manejamos. Y también cómo manejamos nuestra posicionalidad cuando somos intelectuales, que nos dejan formar parte del espacio público. ¿Qué hacemos con él, qué responsabilidad tenemos y digamos cómo estamos relacionados con otras personas?

Últimamente me interesa también lo que llamo la colonialidad de la migración, mirando sobre todo también a estados de *settler colonialism* y cómo eso está conectado con la historia de la Europa y con el presente europeo. Entonces, siempre estoy a investigar lo que le llama descolonizar e el contexto europeo y ver lo es el legado colonial, como ha creado este orden social y este orden mundial en que nos movemos. Y que relaciones de poder y que relaciones de desigualdad también existen. Bueno, esta soy yo, Encarnación.



Léa Tosold:

Meu nome é Léa Tosold, eu sou Junior Fellow do Mecila e sou uma pesquisadora engajada com uma trajetória interdisciplinar. Eu trabalho com epistemologias feministas, antirracistas, a fim de se sentipensar no campo da teoria política, o papel de modos coletivos de resistência para a transformação de contextos caracterizados por desigualdades e violências estruturais.

Juliana Streva:

Sou Juliana Streva, pesquisadora do Mecila. Venho desenvolvendo uma pesquisa transdisciplinar que conecta teoria crítica do direito, com uma filosofia política feminista, anticolonial e antirracista, para pensar as estruturas atuais de violência atual como um legado colonial. Assim como também focar em práticas de resistência desenvolvidas por movimentos de base, por uma disputa política institucional e por práticas artísticas e poético-políticas.

* * *

Música: "Cobra rasteira" - Meta Meta

Léa Tosold:

É muito interessante o movimento que a Beatriz Nascimento faz de passar um tempo longe da universidade e se engajar com poesia, literatura e cinema e depois as considerações críticas que ela faz aos modos de produção de conhecimento vigentes na universidade, no momento em que ela retorna. São muito valiosas as considerações dela a esse respeito.

Juliana Streva:

"Ao dedicar-me novamente à área acadêmica, sinto-me aprisionada pela forma literária necessária a esta ritualização do conhecimento. Significa dar uma enorme volta na expressão, provocando-me uma rejeição física ao material escrito. A origem dessa rejeição, também repousa em uma negação ao pensamento racionalista ocidental, que por tanto tempo fez parte da minha formação pessoal.

De tanto pesquisar e até como uma expressão de um ativismo de vinte anos, houve uma recusa radical a tudo que possa me parecer europeu, erudito. Acompanhado por um desejo de romper com o pensamento estritamente científico." Beatriz Nascimento, *Por um território novo, existencial e físico*, 1992.

A perspectiva de quem pode falar esse idioma numa sociedade. É um idioma técnico, é um idioma acadêmico, cada disciplina ou cada área de conhecimento vai desenvolver suas próprias técnicas e suas próprias formas de se comunicar.



Quem faz parte dessa conversa e quem não faz? E quem é considerado como um produtor, quem é considerada como uma produtora e pensadora e quem não é? Quais conhecimentos são vistos como teóricos e quais são vistos como experiência, como prática, como um não-conhecimento, como uma não-teoria.

Eu acho que todo esse binarismo que envolve o saber acadêmico até os dias de hoje, essa divisão entre corpo e mente, é algo que percorre a história da formação da nossa sociedade, é algo que percorre a formação colonial das universidades, dos saberes, que historicamente tem invisibilizado, silenciado e totalmente apagado - digamos assim, de uma forma ainda mais violenta, de um epistemicídio - outras formas de pensar, de conhecer e de viver, outras formas de se expressar.

Principalmente das mulheres indígenas, mulheres negras, que têm tido todo um conhecimento ancestral, não só desvalorizado, mas sequer reconhecido como conhecimento.

Encarnación Gutiérrez-Rodríguez:

Escuchando a Juliana y sus reflexiones sobre cómo se configura los conocimientos y qué se reconoce como tal y qué es integrado dentro de un contexto disciplinar y académico y qué queda fuera. En base a estas reflexiones surgen diferentes vectores, o digamos, puntos de partida. Puntos de partida a nivel de cómo se crea esta institución académica donde se supone que van a haber conocimientos especializados y a nivel avanzado.

Y como estos conocimientos muchas veces no están a mira de lo que significa entender e llegar a tener un vocabulario para lo que son nuestras vidas. Y son la conexión de nuestra vida con otras vidas, con otras especies, con el planeta como tal. Entonces, los conocimientos que se favorecen son los conocimientos que están muy vinculados a una lógica corporativista, a una lógica extractivista, a una lógica de acumulación.

Tenemos que descolonizar esas formas de pensar, pero sobre todo también tenemos que ver también cómo el capitalismo académico funciona y como se vincula también a esa noción de conocimientos individualistas. También sirviendo a una noción de extractivismo y acumulación capitalista, que menoscaba a lo que es convivencia, la convivialidad también de nuestro mundo.

No solo la convivencia y la convivialidad con respecto a las personas, sino también hacia a nuestro planeta una convivencia, una convivialidad multiespecie. Entonces, creo que es en esa dirección también que tenemos que avanzar con el ámbito de los conocimientos y también con la idea de cómo se hacen conocimientos.



Léa Tosold:

Eu acho intrigante como a Beatriz Nascimento sugere a imagem do oceano, ou melhor dizendo, da sensação de oceano para se sentipensar quilombo. Quilombo a gente vincula em geral a território. E essa ideia de oceano, ou de sensação de oceano, desestabiliza um pouco os sentidos que a gente tem de território.

Então talvez a gente pudesse fazer uma leitura poética dessa imagem, ou como sugerem Denise Ferreira da Silva e Valentina Desidere, a gente poderia fazer uma práxis ético-política criativa a partir dessa imagem, que trabalha muito mais com a nossa capacidade de imagear, como costuma dizer a Denise Ferreira da Silva, a partir da imagem do quilombo.

Então pensar como essa imagem do oceano expande aquilo que a gente entende por território. Essa imagem é bastante poética, poética-política.

E pensando aqui, ou sentipensando aqui, eu sinto que imagear o quilombo a partir da sensação de oceano, subverte a ideia de fronteiras. Essas fronteiras que são colocadas pela própria lógica colonial. Justamente por conta do movimento do oceano, das marés, enfim, que não reconhecem fronteiras.

E nesse sentido, nos faz imagear modos de estar e sentir coletivamente ou até mesmo modos de convivialidade que, como o oceano, com seu movimento e fluidez, desestabilizam a própria ideia de fronteiras e até mesmo de origem.

E permitem aprender que já estamos, desde sempre, conectados a tudo que existe e resiste, a tudo que move e comove, ele mesmo, memória viva, posto que presente.

Será que nós mergulhamos no mar, ou é o mar que mergulha em nós?

Música: "A caminho de Palmares", de Mbé.

Juliana Streva:

É um prazer enorme estar fazendo parte dessa conversa com a Encarnación e com a Léa, porque tudo que elas trouxeram reverbera muito no meu pensar e no meu sentir. Desde o problema desse capitalismo acadêmico que a Encarnación muito bem trouxe, dessa lógica de acumulação de saber individualista, da importância dos afetos, esse pensar ele é movido pelo afeto, como já Espinoza falava em 1970 e a gente está aqui batendo a cabeça para afirmar isso. Isso soa muito óbvio, mas infelizmente não é.

E eu acho que o saber poético, as práticas artísticas, em um diálogo com o pensar acadêmico, tem uma potência muito forte. O que a gente vê, como a Léa mencionou no



trabalho da Beatriz Nascimento, com uma força quando ela vai fazer o *Ori*, filme que elas produziram junto com a Raquel, em 1989. E essa narrativa poética que ela traz, reentender o quilombo de uma forma visual, sensorial, afetiva, dotada também de todo um trabalho arqueológico que a Beatriz vinha fazendo até então dos quilombos no Brasil e também nas comunidades quilombolas existentes.

E pensar que não é uma coincidência essas rotas de fuga, essas rotas de escape do meio acadêmico, por pensadores críticos a essa lógica capitalista acadêmica. A gente vê na Beatriz Nascimento, mas que a gente vê também no Abdias do Nascimento, que fundou o teatro negro experimental. No trabalho crítico da Lélia Gonzalez na linguagem em que ela nomeia esse "pretoguês", que a gente fala.

Depois que você escreve um artigo, uma tese, uma monografia, quem lê aquele trabalho? E para que público ele se destina? E qual formato que ele deve ser feito para que ele seja considerado uma monografia, uma dissertação?

E isso me lembra muito até o Frantz Fanon, que escreveu a tese de doutorado dele e não foi aceita como uma tese de doutorado. Bem no início da tese de doutorado ele escreve que "deixa o método para os botânicos", que o que ele está fazendo ali é outra coisa.

E quando você enfrenta... enfrenta e confronta, já juntando as palavras dessa forma, corre esse risco muito grande de ter tido sua fala não escutada e também não entendida como saber. E esse processo de escuta, voltando agora, foi essencial também no meu pensar coletivo, no meu pensar comunitário, de entender esse processo de conversa, que é sempre uma conversa, ainda que eu esteja sozinha em uma mesa, em uma biblioteca, ou em casa agora durante a pandemia, é sempre uma conversa de leitura, uma conversa digitalizada, como está sendo o podcast, ou uma conversa da poesia, do que a poesia pode produzir e reverberar no meu corpo. Do que pode um corpo, do que pode um verso poético. Como isso tudo faz parte de um amálgama, como isso tudo está relacionado.

E eu acho que isso me reverbera muito em pensar junto com a Maria Beatriz novamente, o que ela fala do quilombo como essa sensação oceânica. E pensar em oceano, em transatlântico, em água. Quando entra no mar, essa sensação do corpo, que ao mover o corpo, a água se move. E ao movimento da água, o corpo se move. E como um influencia no outro, necessariamente. E de como coexistir, conviver, ter uma convivialidade, viver bem nesse meio. Nesse meio em que tudo está relacionado. Em que não há uma linearidade, não é um início, meio e fim. A onde está em movimento constante, como nossos corpos e as moléculas estão em movimento constante. E a importância dessa sensação.

Eu acho que essa sensação oceânica, se a gente pensar isso na nossa existência, eu acho que é uma forma afetiva de sentir. E o que a gente fala quando fala de biointeração, ou



de ubuntu, ou de quando a fala em crise ambiental, de como somos conectados, inter-relacionados, interdependentes.

Ou quando a gente fala de globalização. Esse caráter imagético do oceano, eu acho que é muito potente, para a gente repensar desde o que a Encarnación falou, que o pensar é coletivo, é comunitário, é convivial, é uma prática diária. E é como a Léa bem trouxe dessa política de situabilidade, de entender que é um movimento ancestral, é um movimento contínuo hoje. E é uma disputa de outras formas de existir em sociedade, de convivialidade, que desmantelem e que problematizam esse legado colonial da desigualdade, de extermínio, de instituição da humanidade, de outras vozes que não são escutadas e que estão falando há muito tempo.

E por dentro e por fora da academia, o que toca muito no que o pensador e poeta caribenho Derek Walcott já nos dizia nos anos 70, que o oceano é história. Eu acho que essa história tem que ser sentida, pensada e escutada com profundidade.

Encarnación Gutiérrez-Rodríguez:

Esta reflexión sobre la violencia, sobre la violencia cotidiana, sobre el no saber, por ejemplo, como los sobrevivientes de Hanau, nos decían en estos días, si mañana, de repente, aparece otro racista y los ataca y los mata.

Cuando esa realidad aparece, entonces, yo creo que tenemos que empezar a hacer otra clase de trabajo a nivel de conocimientos, a nivel académico. Y mucho lo están haciendo, como es dicho, lo están haciendo desde hace muchos siglos y desde muchos años. Entonces, este conocimiento de traspasar la violencia que está en estas epistemologías violentas, está en estas estructuras que crean un racismo institucional, que crean un clasicismo también, en el cual sigue habiendo personas que nunca llegan a estudiar, que nunca llegan a escribir.

Entonces, yo creo que esa materialidad, que crea los conocimientos y que crea la sensibilidad, pero también la destrucción, es algo que no podemos olvidar. En el hecho, cuando pensamos del océano, cuando pensamos de convivialidad. Mecila habla de convivialidad y desigualdad y yo creo que esa conexión, esa relación es algo que también está involucrada en la poesía. Que también la poesía nos habla de ella. Y como hemos de estar hablando del océano y también Juliana ha hablado de Derek Walcott, yo también estoy mirando Derek Walcott, y he topado con su poesía “The Sea is History” y la voy leer en inglés.

Leitura em inglês – Poema “The Sea is History”, de Derek Walcott

and at evening, the midges' choirs,
and above them, the spires
lancing the side of God



as His son set, and that was the New Testament.

Then came the white sisters clapping
to the waves' progress,
and that was Emancipation—

jubilation, O jubilation—
vanishing swiftly
as the sea's lace dries in the sun,

but that was not History,
that was only faith,
and then each rock broke into its own nation;

then came the synod of flies,
then came the secretarial heron,
then came the bullfrog bellowing for a vote,

fireflies with bright ideas
and bats like jetting ambassadors
and the mantis, like khaki police,

and the furred caterpillars of judges
examining each case closely,
and then in the dark ears of ferns

and in the salt chuckle of rocks
with their sea pools, there was the sound
like a rumour without any echo

of History, really beginning.

Encarnación Gutiérrez-Rodríguez

Es muy intenso lo que Derek Walcott - un poeta, un escritor y un teórico de Santa Lucía - nos escribe aquí sobre la historia y el océano. Quiero terminar también con algo que he aprendido de Léa, cuando nos contaba de Toni Morrison y de *memory*, el hecho de que cuando hablamos del océano, y hablamos de la historia del océano y de la memoria del océano, también estamos haciendo un trabajo.

Un trabajo en el cual estamos creando también algo nuevo. Es con esto que también yo quiero recordar a las personas que perdimos en Hanau, el 19 de febrero 2020. Ellas han



sacado una iniciativa, 19 de febrero en Hanau, han sacado una posta que en alemán se dice “erinnern heißt verändern”, recordar significa transformar.

También una de las personas fuera asesinadas, Ferhat Unvar, tenía esta convicción y es que él decía, “Tot sind wir erst, wenn man uns vergisst”, muertos estamos cuando se nos olvidan.

Entonces, con esta, que es un poco la parte de... o la base, digamos, de cómo podemos crear un mundo en común e cómo podemos crear una convivialidad, es también reconociendo la necesidad de hablar sobre reparaciones, la necesidad de hablar sobre la violencia estructural que sigue existiendo y que organiza el mundo y que organiza también subjetividades.

Bueno, y con esto quiero terminar esta parte y darlos las gracias por haber invitarme a conversar e inspirarme también en lo que vosotras habéis dicho.

Léa Tosold:

Trecho do poema de Derek Walcott "O mar é história":

E no barulho salgado das rochas
Com as suas piscinas marinhas
Havia o som de um rumor
Sem a emissão de eco da história que, de fato, começava

Música: “Escuta Beatriz Nascimento”, de Zé Manoel com trecho de entrevista de Beatriz Nascimento para o documentário “O negro: da senzala ao soul”

"A história do Brasil foi uma história escrita por mãos brancas. Tanto o negro, quanto o índio, quer dizer, quanto os povos que viveram aqui juntamente com o branco, não têm essa história escrita ainda. E isso é um problema muito sério, porque a gente frequenta a universidade, frequenta escolas, e não se tem uma visão correta do passado da gente, do passado negro. Então ela não foi somente omissa, ela foi mais terrível ainda, da parte que ela não foi omissa, ela negligencia fatos muito importantes e deforma muito a história do negro."

* * *

Léa Tosold:

Com o poema a gente entende e também expande os sentidos, mas não exclusivamente pelo intelecto. A gente aprende algo, mas aprende com os sentidos. E aprende sem essa necessidade de explicação exaustiva típica do conhecimento acadêmico. A gente mantém certa opacidade, que também é um modo de transmitir conhecimento, sem que



ele seja passível de apropriação, sem que ele seja capturado pela lógica extrativista de produção do conhecimento.

Além disso, um bom poema sempre mantém um certo mistério. A gente aprende e apreende coisas diferentes dele a depender do momento quando a gente lê, da situação em que a gente está vivendo. Então, de repente, a gente lê um poema que a gente sempre gostou e vê outra coisa que não a gente não havia visto antes. É como se fosse uma fonte inesgotável de conhecimento.

Além disso, um bom poema também interpela e comove. Comove não só no sentido da comoção, mas no sentido de co-mover, de fazer mover junto. O poema demanda uma resposta, demanda um posicionamento, demanda uma mudança de atitude e uma ação.

Leitura: "Recordar é preciso", poema de Conceição Evaristo

"O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas."

Áudio: manifestação antirracista em São Paulo, 12 de fevereiro de 2012, no shopping Pátio Higienópolis em São Paulo. Canto criado a partir dos poemas "Notícias" e "Insônias" de José Carlos Limeira

"Por menos que conta a história / não te esqueço meu povo / se Palmares não vive mais
/ faremos Palmares de novo."

Música: "Timoneiro", Paulinho da Viola.

Raphael: Essa foi mais uma edição dos Diálogos Mecila. Esse episódio foi produzido por Encarnación Gutiérrez-Rodríguez, Senior Fellow do Mecila em 2020, e por Juliana Strega e Léa Tosold, Junior Fellows do Mecila em 2020.

Em nome das pesquisadoras e da equipe do Diálogos Mecila, agradeço a artista visual, educadora e pesquisadora Rosana Paulino, que gentilmente nos cedeu uma de suas obras para



a composição da capa deste podcast. Conheça mais do trabalho da Rosana em seu site: www.rosanapaulino.com.br

Este episódio contou com trechos das seguintes músicas:

“Ondas”, de Naná Vasconcelos.

“Antigamente Quilombos”, de Z’Africa Brasil.

“Falta de Silêncio”, composição de Alessandra Leão, interpretada por Lia de Itamaracá;

“Cobra Rasteira”, do grupo Meta Meta. Faixa do álbum *Metal Metal* de 2012.

“A Caminho de Palmares”, de Mbé, faixa do álbum *Rocinha*, de 2021.

“Escuta Beatriz Nascimento”, música de Zé Manoel presente no álbum *Do Meu Coração Nu*, de 2020.

E “Timoneiro”, interpretada por Paulinho da Viola, composição dele mesmo com Hermínio Bello de Carvalho.

Você encontra na página deste episódio no nosso site a lista completa das obras audiovisuais e dos textos mencionados aqui, além de outras produções complementares.

O Diálogos Mecila é uma produção do Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America. Jörg Klenk é nosso coordenador científico. O editor científico é Joaquim Toledo Júnior. Melanie Metzen é coordenadora de comunicação e eventos. Marina Falcão Motoki é assistente de projeto. Gustavo Diniz faz o apoio de produção. A edição e produção sonora são de Gil Fuser. Eu sou Raphael Concli, e coordeno esse podcast.

Até mais ouvir.